



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO SEMI-ÁRIDO
PRÓ-REITORIA DE GRADUAÇÃO
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E APLICADAS
CURSO DE ADMINISTRAÇÃO DE EMPRESAS

RHUAN CARLOS DA SILVA LOPES

**EXPORTAÇÕES DE MELÃO DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE NO
PERÍODO DE 2000 A 2017: UMA ANÁLISE DESCRITIVA.**

MOSSORÓ

2018

RHUAN CARLOS DA SILVA LOPES

**EXPORTAÇÕES DE MELÃO DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE NO
PERÍODO DE 2000 A 2017: UMA ANÁLISE DESCRITIVA.**

Monografia apresentada a Universidade Federal Rural do Semi-Árido como requisito para obtenção do título de Bacharel em Administração de Empresas.

Orientador: Prof. Dr. Carlos Alano Soares de Almeida

MOSSORÓ

2018

© Todos os direitos estão reservados a Universidade Federal Rural do Semi-Árido. O conteúdo desta obra é de inteira responsabilidade do (a) autor (a), sendo o mesmo, passível de sanções administrativas ou penais, caso sejam infringidas as leis que regulamentam a Propriedade Intelectual, respectivamente, Patentes: Lei nº 9.279/1996 e Direitos Autorais: Lei nº 9.610/1998. O conteúdo desta obra tomar-se-á de domínio público após a data de defesa e homologação da sua respectiva ata. A mesma poderá servir de base literária para novas pesquisas, desde que a obra e seu (a) respectivo (a) autor (a) sejam devidamente citados e mencionados os seus créditos bibliográficos.

L864e Lopes, Rhuan Carlos da Silva.
 Exportações de melão do estado do Rio Grande do
 Norte no período de 2000 a 2017: uma análise
 descritiva. / Rhuan Carlos da Silva Lopes. - 2018.
 45 f. : il.

 Orientador: Carlos Alano Soares de Almeida.
 Monografia (graduação) - Universidade Federal
 Rural do Semi-árido, Curso de Administração,
 2018.

 1. Exportações. 2. Melão. 3. Rio Grande do
 Norte. 4. Variações. 5. Taxa de Câmbio. I. Almeida,
 Carlos Alano Soares de, orient. II. Título.

RHUAN CARLOS DA SILVA LOPES

**EXPORTAÇÕES DE MELÃO DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE NO
PERÍODO DE 2000 A 2017: UMA ANÁLISE DESCRITIVA.**

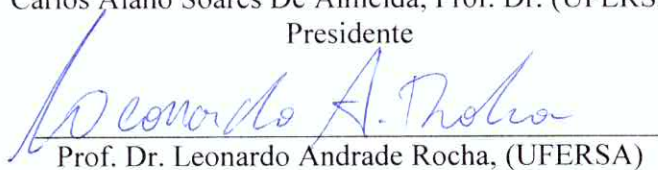
Monografia apresentada a Universidade
Federal Rural do Semi-Árido como requisito
para obtenção do título de Bacharel em
Administração de Empresas.

Defendida em: 17 / 09 / 2 018 .

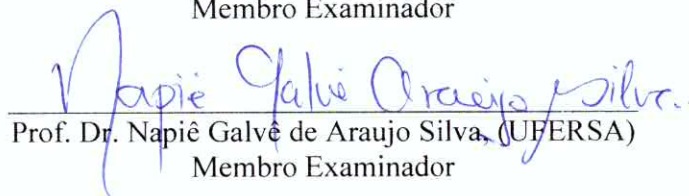
BANCA EXAMINADORA



Carlos Alano Soares De Almeida, Prof. Dr. (UFERSA)
Presidente



Prof. Dr. Leonardo Andrade Rocha, (UFERSA)
Membro Examinador



Prof. Dr. Napiê Galvé de Araujo Silva, (UFERSA)
Membro Examinador

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, que por sua vontade me trouxe até aqui, sempre me abençoando, protegendo e guiando meus caminhos. Devo ao Senhor tudo que sou hoje e toda a minha superação, não só em relação à minha vida profissional, como também à pessoal e à espiritual.

Agradeço a minha família que sempre apoiou as minhas decisões e sempre me ajudou com o que eu precisei. Aos meus pais, Roberto Antônio Matias Lopes e Regina Lúcia Oliveira da Silva que nunca somaram esforços para dar aos seus filhos uma educação regrada. A minha irmã, Rochelly Sandy da Silva Lopes que sempre esteve comigo nos melhores e piores momentos desde a infância. Em especial, às minhas avós, Luzia Oliveira da Silva e Maria de Lurdes Matias Lopes que são parte da minha motivação para vencer na vida.

Agradeço aos meus amigos, Jerônimo Fernandes, Juan Holanda, Marcos Arthur, Marlyson Feitosa, Matheus Martins, Andreza Rafaele, Tassiana Moraes, Diana de Sousa, Leonardo Mendes e Isabelle Bessa, que sempre estiveram presentes no decorrer desse ciclo, principalmente no tempo que passei longe de minha família.

Quero agradecer ao meu orientador Prof. Dr. Carlos Alano Soares de Almeida, pelo suporte dado, pela paciência, pelos ensinamentos e pela ótima forma que sempre me tratou.

A agradeço por toda a turma Administração 2013.2 e por todas as pessoas que passaram e contribuíram de alguma forma nessa minha caminhada.

*“Não se opor ao erro é aprová-lo, não
defender a verdade é negá-la.”*

(São Tomás de Aquino)

RESUMO

O melão, hortaliça conhecida popularmente como um fruto, faz parte do rol de *commodities* agrícolas exportados pelo Brasil, sendo no ano de 2017, o segundo fruto mais exportado pelo país. O estado do Rio Grande do Norte, por sua vez, é um dos maiores produtores e exportadores do melão nacional. Além disso, o meloeiro é de suma importância para a economia do estado e para sua balança comercial. Este trabalho tem como objetivo analisar as variações das exportações de melão do estado do Rio Grande do Norte no período de 2000 a 2017. Os dados foram obtidos nos sites MDIC e IPEA, e foram analisados de forma descritiva a partir de quadros, tabelas e gráficos. Foi detalhada a participação de cada bloco de países importadores, constatando a maior participação dos países que compõe a União Europeia. Além disso, foi observado que as exportações, no geral, tendem a acompanhar as variações da taxa de câmbio, porém não são totalmente dependentes.

Palavras-chave: Exportações. Melão. Rio Grande do Norte. Variações. Taxa de Câmbio. Países.

ABSTRACT

The melon, vegetable popularly known as a fruit, is part of the list of agricultural commodities exported by Brazil, being in 2017, the second most exported fruit in the country. The state of Rio Grande do Norte, in turn, is one of the largest producers and exporters of national melon. In addition, the melon is of paramount importance to the state's economy and its trade balance. The objective of this study was to analyze the variations of melon exports from the state of Rio Grande do Norte in the period from 2000 to 2017. The data were obtained from the MDIC and IPEA sites and were analyzed descriptively from frames, tables and graphs. It was detailed the participation of each block of importing countries, noting the greater participation of the countries that make up the European Union. In addition, it was observed that exports, in general, tend to follow the variations of the exchange rate, but are not totally dependent.

Keywords: Exports. Melon. Rio Grande do Norte. Variations. Exchange Rate. Country.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1	–	Principais tipos de melão produzidos no Brasil.....	19
Figura 2	–	Exportações de melões frescos do Rio Grande do Norte e Ceará.....	22
Figura 3	–	Tipos de regimes cambiais e suas características.....	27

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1	–	Variação da taxa de câmbio (comercial – compra) no período de 2000 a 2017	39
Gráfico2	–	Variação do total das exportações de melão do estado do Rio Grande do Norte no período de 2000 a 2017, em quilogramas e dólares americanos.	39

LISTA DE TABELAS

Tabela 1	–	Quantidade (Kg) e valores de divisas (US\$) das exportações de melão do estado do Rio Grande do Norte no período de 2000 a 2017 para países da Europa que fazem parte da União Europeia.....	33
Tabela 2	–	Quantidade (Kg) e valores de divisas (US\$) das exportações de melão do estado do Rio Grande do Norte no período de 2000 a 2017 para outros países da Europa e Ásia que não fazem parte da União Europeia.....	34
Tabela 3	–	Quantidade (Kg) e valores de divisas (US\$) das exportações de melão do estado do Rio Grande do Norte no período de 2000 a 2017 para países do Oriente Médio.....	35
Tabela 4	–	Quantidade (Kg) e valores de divisas (US\$) das exportações de melão do estado do Rio Grande do Norte no período de 2000 a 2017 para países da África.....	35
Tabela 5	–	Quantidade (Kg) e valores de divisas (US\$) das exportações de melão do estado do Rio Grande do Norte no período de 2000 a 2017 para países da América do Norte.....	36
Tabela 6	–	Quantidade (Kg) e valores de divisas (US\$) das exportações de melão do estado do Rio Grande do Norte no período de 2000 a 2017 para países da América do Sul.....	37

LISTA DE QUADROS

Quadro 1	–	Blocos Econômicos, seus respectivos países e porcentagem (valores arredondados) em relação ao acumulado, em dólares americanos e quilogramas, de melões exportados pelo Rio Grande do Norte no período de 2000 a 2017.....	32
----------	---	--	----

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

Dr.	Doutor
US\$	Dólar dos Estados Unidos
Kg	Quilograma
Embrapa	Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária
CEAGESP	Companhia de Entrepósitos e Armazéns Gerais de São Paulo
FIERN	Federação das Indústrias do Estado do Rio Grande do Norte
MDIC	Ministério da Indústria, Comércio Exterior e Serviços
IPEA	Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada
FIESP	Federação Das Indústrias Do Estado De São Paulo

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	15
2	OBJETIVOS DE PESQUISA	16
2.1	Objetivo Geral	16
2.1.1	Objetivos Específicos	16
3	REVISÃO DA LITERATURA	17
3.1	A cultura do melão	17
3.2	A cultura do Melão no Rio Grande do Norte	20
3.3	Comércio Internacional	23
3.4	Balança Comercial e Balança de Pagamentos.....	24
3.5	Taxa De Câmbio.....	26
3.6	Exportações Brasileiras.....	29
4	METODOLOGIA.....	30
4.1	Tipo de pesquisa	30
4.1.1	Coleta de dados	31
4.1.2	Métodos de Análise	31
5	ANÁLISE DOS DADOS	31
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	40
6	REFERÊNCIAS	42

1 INTRODUÇÃO

O Brasil possui diversas condições ambientais que favorecem o cultivo de diferentes tipos de frutos com qualidade. Em vários estados do país é possível produzir durante todo o ano, fazendo com que esse mercado gere ocupações para milhões de brasileiros e contribua de maneira significativa com a economia do país (ANUÁRIO BRASILEIRO DE FRUTICULTURA, 2018).

Segundo Coronel et al. (2016) a abertura da economia do país para o mercado exterior, que ocorreu na década de 1990, trouxe novas oportunidades para o setor primário em relação à venda de *commodities*. De acordo com Souza e Veríssimo (2013), na década seguinte, esses bens primários passaram a ser bastante demandados internacionalmente, o que gerou como consequência, o aumento de seus preços.

De acordo com Araújo e Campos (2011), é importante destacar o uso e tecnologias que impulsionaram e ajudaram no cultivo de frutas, principalmente na região Nordeste do país, onde se passou a usar sistemas de irrigação, dentre outras práticas, sempre com o objetivo de garantir a qualidade dos produtos de acordo com as exigências do mercado interno e principalmente externo.

Nesse contexto de acordo com Mendes et al. (2008), o melão destaca-se como a fruta brasileira que possui o maior percentual de exportação, levando em consideração a porcentagem de produção. Segundo o Anuário Brasileiro de Fruticultura (2018), 60% dos frutos produzidos são exportados, sendo em quase sua totalidade cultivada no Ceará e no Rio Grande do Norte, e tendo como principal destino países do continente europeu.

Alguns fatores econômicos exercem influência sobre as exportações de bens de um país. Dentre eles, estão inseridas as barreiras e políticas comerciais, como também a taxa de câmbio, que por sua vez, possui grande volatilidade e influência sobre a balança comercial de um país economicamente aberto (CORONEL; FILHO; MORAES, 2016).

Segundo uma nota técnica publicada pelo DIEESE (2006), as importações e exportações de um país sofrem influência direta da taxa de câmbio. De acordo com a pesquisa, quando acontece a valorização do real em relação ao dólar, os preços dos produtos exportados ficam mais caros para os compradores, fazendo com que os mesmos optem por negociações com concorrentes. Em contrapartida, os preços dos bens importados caem.

Nesse aspecto, segundo Carvalho e Silva (2008), no Brasil os produtos agrícolas, mesmo em um cenário de valorização cambial da moeda, conseguiram alcançar um *superávit* comercial. Isso pode explicar a grande participação e importância desse setor para a balança

comercial brasileira, como também a perda de participação de atividades industriais, que são bastante afetadas.

Esta pesquisa tem como objetivo analisar o comportamento das exportações de melão do estado do Rio Grande do Norte no período de 2000 a 2017. O estudo é motivado pela seguinte pergunta de pesquisa: Qual a variação das exportações de melão no período de 2000 a 2017? A pesquisa teve como base os países de destino da fruta potiguar e a balança comercial, fornecidos pelo Ministério da Indústria, Comércio Exterior e Serviços (MDIC) e as variações na taxa de câmbio do mesmo período, fornecidas pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA).

Logo, visando atingir o objetivo desta pesquisa, considerou-se importante, que além desta introdução, o trabalho fosse composto de mais três partes. A primeira delas é composta pelo referencial teórico, que aborda pontos importantes da cultura do melão, exportações, taxa de câmbio, balança comercial e de pagamentos. A segunda é composta pela metodologia de pesquisa que delineou todo o estudo. Na terceira parte será feita a análise e exposição dos resultados encontrados. E por último estão as considerações finais acerca da pesquisa.

Tendo em vista a grande importância das exportações de melões frescos do estado do Rio Grande do Norte, para a balança comercial do mesmo, a proposta desse estudo justifica-se pela necessidade do acompanhamento e análise das variações dessas exportações, que poderão ser úteis para posterior tomada de decisões, busca por soluções e até para previsões futuras, tendo em vista a busca por *superávits* comerciais.

2 OBJETIVOS

2.1 Objetivo Geral

Analisar o comportamento das exportações de melão do estado do Rio Grande do Norte no período de 2000 a 2017.

2.1.1. Objetivos Específicos

- a) Verificar as variações das exportações de melão do Rio Grande do Norte no período de 2000 a 2017;
- b) Conhecer os destinos e verificar a participação de cada um nas exportações do melão produzido no Rio Grande do Norte no período de 2000 a 2017;

c) Verificar as variações da taxa de câmbio no período de 2000 a 2017;

3 REVISÃO DA LITERATURA

Este capítulo tem como objetivo apresentar o aporte teórico utilizado para os fins da presente pesquisa. Nele contém aspectos gerais da cultura do melão, além de informações a respeito da taxa de câmbio, das exportações, balança de pagamentos e da balança comercial brasileira, que serão de suma importância para um melhor entendimento do leitor.

3.1 A cultura do melão

Segundo Oliveira et al. (2017) o melão é um alimento consumido no mundo inteiro e é vendido mundialmente como uma fruta, apesar de ser classificado como uma espécie de hortaliça. Mendes et al. (2008), caracteriza o melão como um alimento com consideráveis quantidades de fibras, cálcio, potássio, açúcar e vitaminas A e C, podendo ser absolvido *in natura*, em forma de ingrediente para uma salada ou em forma de suco. Santos et al. (2013) explicam que o melão é uma hortaliça muito conhecida, bastante cultivada e consumida no Brasil, pois além de seu alto valor nutritivo, o seu cultivo é de alta rentabilidade, tendo em vista todos os aspectos que favorecem o plantio.

De acordo com Companhia de Entrepósitos e Armazéns Gerais de São Paulo - CEAGESP (2011), o cultivo do meloeiro no Brasil se deu início na década de 60, onde até então, a demanda do país pelo fruto era atendida por meio de importações. Em escala comercial, o melão começou a ser cultivado nos estados de São Paulo e Rio Grande do Sul, porém, com algumas limitações quanto a produção, devido as condições ambientais que envolvem essa cultura. Devido a esses fatores a produção do fruto se transferiu quase em sua totalidade para a região Nordeste do país, onde melhor se adaptou.

Crisóstomo et al. (2002) esclarece que existem alguns fatores que favorecem a produção do melão, e dentre eles estão os fatores climáticos, como: a temperatura, luminosidade e a umidade. A combinação de todos esses fatores, gera uma condição ideal que beneficia a cultura do meloeiro e consequentemente aumenta a sua produtividade, com uma maior incidência de frutos que vão de acordo com a qualidade exigida pelo mercado.

Oliveira et al. (2017) e Mendes et al. (2008) argumentam que dentre os fatores climáticos descritos anteriormente, a temperatura é considerada o que mais tem impacto ao decorrer do cultivo do meloeiro, possuindo consideráveis faixas ao decorrer de seus estágios

de crescimento. A faixa de temperatura considerada mais benéfica está entre 25°C e 35°C. Crisóstomo et al. (2002) explica que outro fator que influencia a qualidade do melão produzido, está relacionado com o tempo e a intensidade luminosa, onde uma baixa intensidade ou um reduzido período de iluminação, acabam prejudicando o desenvolvimento do meloeiro, gerando um encurtamento da área foliar. A respeito da umidade, altos níveis pluviométricos, acabam dificultando a prática desse tipo cultura. Em suma, é importante que os níveis não estejam elevados e nem muito baixos.

Quanto ao solo, Menezes et al. (2000) afirmam que melões com qualidade regular, em sua grande parte, são cultivados em solos com textura média e com uma alta fertilidade própria. Além disso, problemas como os de compactação, drenagem e salinidade não contribuem e geralmente produzem frutos que não atendem às expectativas do mercado. Já em solos com características arenosas geralmente é necessária uma adubação adequada, feita geralmente a partir de matérias orgânicas. Essa prática acaba melhorando a capacidade de retenção do solo, porém, pode trazer como consequência o aparecimento de doenças, quando utilizada em excesso.

Faria et al. (2000) acrescentam que além de todos os fatores citados anteriormente, ainda se faz necessário um nível tecnológico apropriado, tendo em vista a necessidade de se produzir frutos com alto nível de qualidade, tendo em vista, a cada vez mais rigorosa, exigência do mercado interno e principalmente externo. Tais exigências são referente a cor da casca, o tamanho e o formato do fruto, além o do Brix da polpa. Oliveira et al., (2017) destacam que o cultivo do meloeiro deve ser praticado de preferência em solos que estejam constantemente úmidos, e que caso seja preciso, deve se aplicar lâminas de irrigação, de acordo com a necessidade do mesmo. É de suma importância, que nos primeiros 20 cm de profundidade do solo, a umidade esteja de acordo com a capacidade do campo.

Oliveira et al. (2017) mostram que as áreas que são consideradas ideais para o desenvolvimento de meloeiros, são as com características tropicais e edafoclimáticas. Isso é uma das causas que justificam o sucesso que é o cultivo dessa hortaliça na região Nordeste do país, que por sua vez, apresenta condição semelhante às ideais. Apesar disso, vale ressaltar que a produção brasileira de melão enfrenta desafios em relação à qualidade dos frutos. Esses desafios estão relacionados com seu curto ciclo e com problemas em relação a pragas.

Conforme explicam Menezes et al. (2000) as pragas são outro problema que podem afetar o melão e dentre as principais está a mosca branca, que consome toda a seiva elaborada da planta, e o minador, que atua no açúcar do fruto. Ainda existem as pragas denominadas secundárias onde se incluem o pulgão e as brocas. Já na pós-colheita as principais doenças

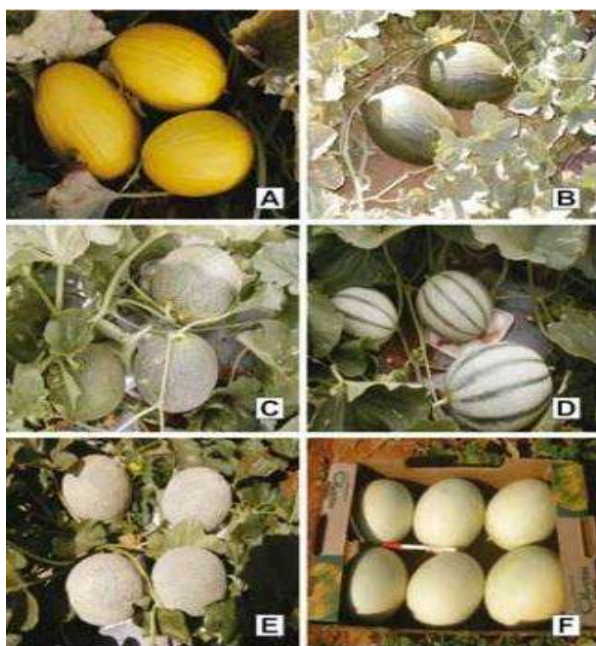
que afetam o fruto são: antracnose, podridão na inserção do pedúnculo, podridão-mole e podridão-negra.

Para Santos et al. (2013) o míldio, é uma doença muito típica e pode se tornar um grande problema, especialmente em lugares com alta umidade relativa e com temperaturas que variam entre 15°C a 27°C. Esse tipo de doença pode prejudicar drasticamente a produtividade, podendo até causar a perda de toda plantação, caso aconteça um ataque de grandes proporções.

Para Oliveira et al., (2017) a elevação da umidade relativa do ar, além de ser responsável pela disseminação de doenças, acaba promovendo a formação de frutos com qualidade inferior ao esperado, possuindo geralmente tamanhos pequenos e sabores que não agradam o mercado. Além disso, por conta da ocorrência de doenças fúngicas, que ocasionam a queda de folhas, o fruto apresenta teor de açúcar inferior. Quanto à irrigação, o excesso da mesma, como também, longos períodos de seca, podem gerar danos ao fruto.

De acordo com Mendes et al. (2008) a maioria dos melões que são produzidos no Brasil é o do tipo Amarelo (A), seguido pelo chamado Pele de Sapo (B), Gália (C), Charentais (D), Cantaloupe (E) e Honeydew (F), como podem ser observados sequencialmente na Figura a seguir:

Figura 1 – Principais tipos de melão produzidos no Brasil



Fonte: MENDES et al. (2008)

No mercado esses melões são considerados nobres e são bastantes requisitados, especialmente o *Orange*, o Cantaloupe e o Gália, que são bastante consumidos pelo exigente

mercado internacional. O grande consumo desses melões se justifica pelo fato deles apresentarem um sabor mais agradável e possuírem elevados valores nutricionais. (MENDES et al., 2008).

Crisóstomo et al. (2002) explica que atualmente os melões amarelos são os mais cultivados e os mais comuns, principalmente na região Nordeste. Segundo Oliveira (2017), além da grande demanda do mercado, um dos fatos que explica a grande incidência do cultivo desse tipo de melão, é por ele possuir grande resistência em seu manuseio, diminuindo as chances de danos se comparado a outros tipos. Quanto as medições, Oliveira (2017) afirma que o tamanho dos melões é definido de acordo com o seu peso ou diâmetro, e que geralmente os melões mais requisitados pelos consumidores são pequenos e médios.

De acordo com Menezes et al. (2000) existem alguns fatores que precisam ser observados para garantir a qualidade pós-colheita do meloeiro, dentre esses fatores está a escolha e preparação do solo do local em que vai ser cultivado, a época de plantio, técnicas de manejo, cuidados na colheita, além das condições ambientais, como já visto.

Para Monteiro (2007) a produção de melões frescos, além de ser bastante rentável, é uma atividade que contribui bastante socialmente e economicamente para o Brasil. Além da geração de novas ocupações, o cultivo desse fruto cria novas oportunidades de negócios rentáveis, a partir de sua demanda por prestação de alguns serviços, o que atrai outros diferentes tipos de investimento para a região e consequentemente gera mais ocupações. Segundo Oliveira et al. (2017), na região Nordeste e no Sul do país, o cultivo do melão também é realizado pela agricultura familiar, tendo sua produção vendida no comércio interno.

Dentre as regiões produtoras que mais se beneficiam do plantio do melão, a região Nordeste é a que mais se destaca, estando ela em primeiro lugar em produção. Fatores climáticos citados anteriormente favorecem bastante a região. Dentre os estados que mais produzem e exportam está o Rio Grande do Norte (ANUÁRIO BRASILEIRO DE FRUTICULTURA, 2018).

3.2 A cultura do Melão no Rio Grande do Norte

Na região do semiárido do Rio Grande do Norte, alguns fatores como, a carência de chuvas em longos períodos, grandes hectares de terras à disposição, grande oferta de mão de obra barata, águas disponíveis e logística de transporte para posterior escoamento da produção, são determinantes para o sucesso do estado nesse tipo de cultura em relação aos

concorrentes. A região tem como polo produtor as terras localizadas no Oeste Potiguar, mais especificamente ao redor dos municípios de Mossoró e Assú (OLIVEIRA et al., 2011).

Junior (2007) acrescenta que o Rio Grande do Norte apresenta algumas condições que o favorecem em relação à cultura do melão. As grandes áreas com solos férteis encontradas principalmente no Vale do Assú e na Chapada do Apodi, a elevada quantidade de águas subterrâneas encontradas em grande volume nos solos semiáridos e a alta insolação durante a maior parte do ano, acabam criando um ambiente ideal para esse tipo de cultura, o que explica a sua grande produção e consequentemente sua expressiva importância na economia dessa região.

Os principais solos explorados pelo cultivo do melão no Rio Grande do Norte são: os Cambissolos, que se oriundos do calcário e têm como característica o fato de serem rasos; os Latossolos Vermelho-Amarelos Eutróficos, que são profundos e bem drenados; os Latossolos Vermelho-Amarelos Distróficos que são bastante profundos, porosos e muito drenados; os Podzólicos Vermelho-Amarelos, que se originam a partir do calcário e são misturados com sedimentos arenoso, possuindo uma boa drenagem; os Plintossolos Argilúvicos que apresentam drenagem moderada; os Areias Quartzosas, que também são profundos e excessivamente drenados; e por último os solos Aluviais (Neossolos Flúvicos eutróficos), que por sua vez, são originados de sedimentos aluviais, podendo eles serem bem drenados e heterogêneos. (CRISÓSTOMO et al., 2002).

Além disso, a região Nordeste apresenta um grande e crescente investimento em modernização, em busca de melhoras para o plantio, tendo como destaque, o polo de produção Assu/Mossoró. Esse polo é composto por duas subzonas, cada uma abrangendo cidades que ficam aos seus arredores. Na subzona polarizada por Mossoró, está incluída a cidade de Baraúnas, Gov. Dix-Sept Rosado, Grossos, Apodi, Tibau, Areia Branca, Caraúbas e Upanema. Já a subzona polarizada por Assú, é composta pelo município de Carnaubais, Ipanguaçu, Afonso Bezerra e Alto Dos Rodrigues. (JUNIOR, 2007).

O meloeiro tornou-se essencial para o desenvolvimento econômico do estado do Rio Grande do Norte, onde, entre 1996 e 2009, o melão estava em primeiro lugar dentre as frutas exportadas, assim como posteriormente, no período compreendido entre 2006 e 2009, onde o *commodity* esteve no topo da balança comercial do estado. (OLIVEIRA et al., 2011).

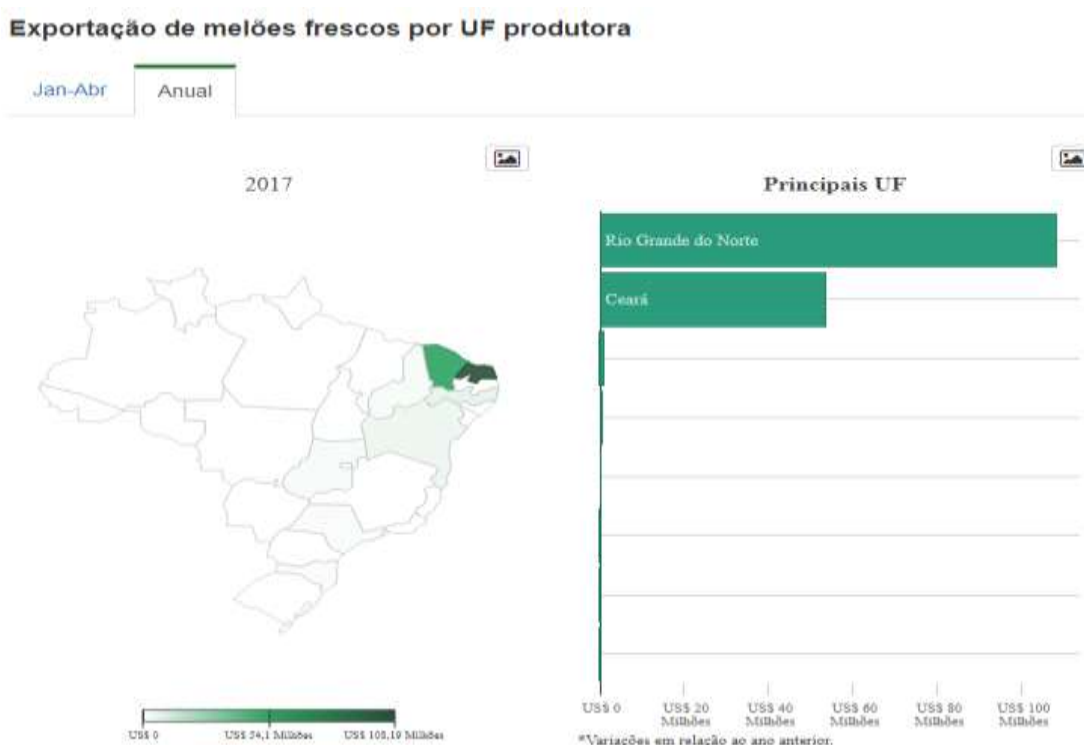
De acordo com a Federação das Indústrias do Estado do Rio Grande do Norte - FIERN (2017), a balança comercial do Rio Grande do Norte terminou o ano de 2017 com *superávit*, graças a sua produção de frutas frescas, que são exportadas em quase sua totalidade. Dentre essas frutas o melão está em primeiro lugar, levando em consideração os valores (US\$ FOB)

exportados, seguido pelo sal. O estado atualmente está no topo da lista de produtores de melões frescos do Brasil, sendo responsável por 70% do cultivo nacional. (ANUÁRIO BRASILEIRO DE FRUTICULTURA, 2018).

Segundo Mendes et al. (2008), em 2005, 94,6% da produção de melão do país, advieram do Nordeste, estando o Rio Grande do Norte no topo em área plantada e produção, representando 45,4% da produção total do país, naquele mesmo ano. Em relação aos municípios que detém a maior produção do fruto no Brasil, Baraúna se destacou com a maior área plantada, seguido pelo município de Quixeré, no Ceará, e por Mossoró, também no Rio Grande do Norte. Nesses dois estados a época de plantio vai de junho a dezembro, com maior concentração entre agosto e outubro.

No ano de 2015 o valor em divisas advindos de exportações do melão, ultrapassou a marca de 154 milhões de dólares, onde 60% foram oriundos do estado do Ceará e pouco menos de 40% do estado do Rio Grande do Norte (OLIVEIRA et al., 2017). Porém, de acordo com Anuário Brasileiro De Fruticultura (2018), no ano de 2017, por conta de questões híbridas, grande parte da produção que era feita no Ceará passou a ser feita no Rio Grande do Norte, que por consequência, acabou assumindo a liderança de estados exportadores com 66,4%, como pode-se ver no gráfico a seguir:

Figura 2 – Exportações de Melões frescos do Rio Grande do Norte e Ceará.



Fonte: MDIC (2018)

Junior (2007) afirma que produção do melão no Brasil, é destinada quase que no seu total para o comércio internacional, que segundo Munduruca e Santana (2012) é um dos fatores que influencia o crescimento econômico do país, complementando o mercado interno e gerando um efeito multiplicador sobre o mesmo, trazendo consigo várias demandas de serviços e conseqüentemente, novos empregos.

3.3 Comércio Internacional

Segundo Mochón (2007), o comércio internacional, consiste em um composto de relações comerciais que ocorrem entre países ou bloco de países de todo o mundo e que são norteadas por políticas e normas internacionais. Uma das principais características do comércio internacional, está relacionada à capacidade de cada participante produzir seus bens, de acordo com as sua respectiva capacidade e especialidade.

Coutinho, Lana-Peixoto, Filho e Amaral (2005), explicam que até por volta do século XVIII, todo o conhecimento a respeito das relações comerciais entre países tinha como base os estudos da famosa escola mercantilista, que por sua vez, explicava o comércio exterior, apenas como uma oportunidade dos países atingirem *superávits* comerciais, com base no aumento do saldo de suas balanças comerciais. Atualmente os fatores que possuem maior relevância econômica e que explicam o comércio internacional são baseados nos princípios das vantagens absolutas e vantagens comparativas, desenvolvidas por Adam Smith e David Ricardo, respectivamente.

Adam Smith (1996), em *A Riqueza das Nações*, publicado originalmente no ano de 1776, criou a teoria chamada de “vantagens absolutas”, onde afirma que uma maior produtividade, baseada na produção de bens com a menor quantidade de insumos e custos possíveis, acaba colocando determinado país em vantagem absoluta em relação a outros países. Ainda segundo essa teoria os países devem focar na produção de bens que ofereçam essa vantagem, evitando produtos que tenham custo de produção mais caro do que o custo de importação. A partir do foco nessas vantagens, é possível exportar o excedente do consumo interno e assim, importar os bens demandados, a partir da receita gerada.

Se um país estrangeiro estiver em condições de nos fornecer uma mercadoria a preço de mais baixo do que o da mercadoria fabricada por nós mesmos, é melhor comprá-la com uma parcela da produção de nossa própria atividade, empregada de forma que possamos auferir alguma vantagem. (SMITH, 1996, P.439)

Seguindo com as teorias clássicas, aprimorando a teoria criada por Adam Smith, Ricardo (1996), em um de seus livros, publicado originalmente em 1817, criou o princípio das vantagens comparativas, que por sua vez, passa a analisar os chamados custos de oportunidade, que se resume na quantidade de um bem que o país terá que deixar de produzir para produzir outro. Ricardo (1982) ainda explica, que nem sempre é vantajoso para um país, se isolar economicamente pelo fato de possuir vantagens absolutas na produção de determinados produtos em relação a outros. Ao invés de se isolar os países podem se especializar na produção de determinado bem no qual possua vantagens comparativas (fator trabalho, fatores ambientais), mesmo que o mesmo seja produzido com mais eficiência em outro lugar.

Como já dito anteriormente, existem diversas políticas que envolvem o comércio internacional. Essas políticas intervêm diretamente e dificultam as relações comerciais entre os países e podem vir através de: tarifas, que são impostos cobrados pelo governo na importação de produtos com o objetivo de proteger o mercado interno; quotas, que limitam em quantidade a importação de determinado produto; subsídios, que funcionam como uma espécie de incentivo dado aos produtores nacionais para a exportação de seus produtos; e barreiras não tarifárias, que por sua vez, dificultam as importações de bens estrangeiros por meio de regulamentações. Todas essas medidas interferem diretamente na balança de pagamentos de um país e conseqüentemente na sua chamada balança comercial (MOCHÓN, 2007, p. 214-215).

3.4 Balança Comercial e Balança de Pagamentos

A balança de pagamentos consiste no registro de um aglomerado de transações resultante de importações e exportações, compra e venda de ativos financeiros e algumas outras atividades financeiras que envolvem um determinado país e outros países do mundo, no qual mantém relações. Essas transações são advindas de recebimentos e de pagamentos, sendo registradas como crédito e débito, respectivamente. (KRUGMAN; OBSTFELD, 2005, p. 229).

Segundo Mochón (2007), a balança de pagamento é composta por três grandes grupos: Transação Corrente, que é composta pela balança comercial, balança de serviços, conta de renda, conta de transferência unilateral e pelo saldo das transações correntes; Conta de Capital, que por sua vez inclui as transferências de capitais sem compensação e que não alteram a receita bruta, e a aquisição e alienação de ativos não financeiros; e por último a

Conta Financeira, que é formada pelos investimentos diretos e de carteira do país, além de variações de reserva e outros investimentos.

Ainda segundo Mochón (2007) a balança comercial de um país é determinada pelo seu saldo resultante das transações intercambiais de seus bens domésticos e os do restante do mundo. De acordo com Salvato, Sant'anna e Silva (2008) para analisar o desempenho de uma balança comercial, faz-se necessário verificar a demanda de exportação e importação de determinado país com o objetivo de calcular a elasticidade-renda, o preço (câmbio) e etc. Porém de acordo com Schwantes, Freitas e Zanchi (2010), essa explicação não pode apenas se basear na sua determinação mais conhecida (X-M), uma vez que este modelo considera somente os montantes resultantes das exportações e importações, desconsiderando algumas importantes variáveis econômicas, como por exemplo, a taxa de câmbio, as políticas tarifárias, a capacidade de importação dos países consumidores de bens nacionais e o nível da atividade econômica interna.

Braga e Rossi (1987) mencionam que os níveis de renda doméstica, renda mundial e a taxa de câmbio real, são três dos fatores que podem influenciar a balança comercial de um país, devendo eles ser analisados por meio de ferramentas da econometria, com intuito de observar o comportamento da mesma.

Meyer e Paula (2009) explicam que além da taxa de câmbio, o crescimento da demanda mundial, junto com o aumento dos preços dos bens exportados, também são tratados como fatores relevantes que exercem influência no comportamento da balança comercial. De acordo com Salvato, Sant'anna e Silva (2008) além de fatores como renda e preços relativos, a literatura mostra que variações que envolvem o mercado e stakeholders, também devem ser levadas em consideração para melhor entender o comportamento da balança comercial, de acordo com seus relativos graus de influência.

Segundo Braga e Rossi (1987) as variáveis que costumam provocar mudanças nos valores da balança comercial, geralmente são medidas através da elasticidade de curto prazo, que ocorrem normalmente em um determinado período de tempo, podendo ser o mês ou o trimestre, e longo prazo que se caracteriza por não possuir um período definido, sendo ele determinado pelo tempo necessário para que se atinja o máximo do efeito esperado.

Em seu estudo que onde investigou os efeitos de curto e longo prazo de variáveis macroeconômicas sobre o saldo da Balança Comercial do agronegócio do Brasil, no período entre o primeiro trimestre de 1990 e o último de 2007, Schwantes, Freitas e Zanchi (2010) observaram que o nível de renda do país, influencia positivamente o saldo da balança comercial do setor, em longo prazo.

Ainda segundo Schwantes, Freitas e Zanchi (2010) ao relacionar os níveis de renda com os níveis de produção do país, é esperado que no longo prazo, um aumento na produção, acabe aperfeiçoando o saldo comercial dos setores de âmbito internacional. Essa relação só não ocorre caso haja crescimento do consumo interno e que o mesmo venha a ser maior do que o incremento da renda, fato que é difícil de ocorrer ao longo prazo.

Alves e Bachi (2004) afirmam que para que ocorram os reparos das cotas externas da economia do país, é preciso que se realize análises e investigações a respeito da Balança comercial, que ofereçam um melhor entendimento a respeito dos fatores que são responsáveis pelo desempenho dos setores exportadores da economia brasileira, dentre eles os produtores agroindústrias e agrícolas.

Diversos estudos são realizados com o intuito de avaliar os efeitos das políticas cambiais sobre a balança comercial, ainda que não exista consenso a respeito dos impactos da desvalorização da taxa de câmbio sobre o saldo da balança comercial (SONAGLIO; SCALCO; CAMPOS, 2010). Já para Braga e Rossi (1987) a hipótese de que a desvalorização da moeda aumenta o número de exportações e consequentemente afeta positivamente a balança comercial, encontra respaldo na literatura acerca do comércio internacional.

3.5 Taxa De Câmbio

A economia de mercado de um país é formada por alguns valores relativos básicos que a compõe. Um desses valores é chamado de taxa de câmbio, que por sua vez, tem como função intermediar toda e qualquer movimentação que envolve a economia de um país, e os restantes dos países do mundo, fato que influencia tanto as exportações como as importações. No Brasil ela é estabelecida tanto pelas próprias forças do mercado, quanto pelas intervenções do Banco Central (ZINI JUNIOR, 1995).

De acordo com Nakabashi, Cruz e Scatolin (2008) a variação da taxa de câmbio acaba afetando os resultados das exportações e importações, ao influenciar mudanças nos preços dos bens de um país quando comparado com os estrangeiros. Além disso, essa variável da macroeconomia assume um papel de grande importância na estrutura produtiva de qualquer país, principalmente quando envolve alguns segmentos de mercado com alta concorrência de preços.

Para se falar em taxa de câmbio, é preciso diferenciar taxa de câmbio nominal e taxa de câmbio real. Segundo Abel, Bernanke e Croushore (2008), a taxa de câmbio nominal, diz respeito a quantas moedas estrangeiras se pode adquirir com uma unidade de moeda nacional.

Para isso é preciso acompanhar as variações cambiais que ocorrem diariamente e que afetam as duas moedas de troca. Já a taxa de câmbio real, diz respeito ao poder de compra de uma moeda em relação à bens estrangeiros, ou seja, quantas unidades de determinado bem eu posso adquirir com uma unidade de moeda nacional. Para isso é preciso observar outras variáveis econômicas, como a inflação.

A partir de uma adaptação feita por Souza (2009) de um estudo bastante citado por economistas realizado por Edwards e Savastano (1999), pode-se dividir os regimes cambiais em três grupos: flutuante, intermediário e fixo. Como vemos na tabela a seguir:

Figura 3 – Tipos de regimes cambiais e suas características

Regime cambial		Características		
CÂMBIO FIXO	Currency board	SISTEMA INTERMEDIÁRIO	Bandas cambiais	A taxa de câmbio flutua livremente, mas apenas entre um limite superior e um inferior. Quando ela está prestes a atingir um desses limites, a autoridade monetária intervém, comprando ou vendendo dólares.
			Minidesvalorizações (crawling peg)	A taxa de câmbio é, em princípio, fixa, mas sofre reajustes periódicos a fim de compensar a inflação interna ou externa. Isso mantém constante a taxa de câmbio real (a paridade do poder de compra) e, assim, evita alterações bruscas no comércio exterior.
	Câmbio fixo ajustável	É o sistema de Bretton Woods por excelência, já que o acordo admitia que, em situações excepcionais (os chamados "desequilíbrios estruturais do balanço de pagamentos"), os países poderiam desvalorizar sua moeda em relação ao dólar. O aval para isso seria dado pelo FMI, instituição fundada na mesma ocasião.	Regime cambial	Características
			Flutuação pura	A taxa de câmbio é determinada apenas pelas leis do mercado, sem que a autoridade monetária do país exerça nenhuma interferência.
		CÂMBIO FLUTUANTE	Flutuação "suja"	A taxa de câmbio é determinada pelas leis do mercado, mas, eventualmente, a autoridade monetária pode intervir, seja diretamente (comprando ou vendendo dólares), seja indiretamente (elevando ou abaixando a taxa de juros).
Dolarização plena	É o que ocorre quando o país abdica de um dos maiores símbolos de sua soberania — a moeda nacional — e passa a usar o dólar como meio de troca, medida e reserva de valor.			

Fonte: EDWARDS; SAVASTANO apud SOUZA (2011), p.117-119

No Brasil, até o ano de 1990, funcionava o chamado monopólio cambial, onde somente o Banco Central podia consumir de forma legal as transações que envolvem as

divisas internacionais do país, ou dar a permissão, sob sua fiscalização, que agentes intermedeiem e façam esse papel. (ZINI JUNIOR, 1995).

Giambiagi e Moreira (1999) explicam que no Brasil, a liberação da taxa de câmbio ocorreu no ano de 1999, onde o regime cambial passou a ser flutuante, mesmo em meio a especulações e grande desconfiança do mercado, que temia que com essa mudança, o país acabasse favorecendo a desvalorização da moeda. Isso ocorreu principalmente pelo fato de o país ter optado por conservar seus níveis de reservas de moedas estrangeiras, não conseguindo conciliar de maneira eficaz, com suas políticas cambiais.

Diversos estudos e pesquisas vêm destacando há alguns anos, a grande importância da taxa de câmbio, na política econômica de um país, e seus consequentes efeitos na Balança Comercial. Diversos desses estudos têm como base os possíveis impactos que as variações da taxa de câmbio podem trazer para as relações comerciais, além dos seus efeitos nos ciclos de negociações e no desenvolvimento econômico de uma nação (SONAGLIO; SCALCO; CAMPOS, 2010).

Uma taxa de câmbio competitiva é de grande importância para o desenvolvimento econômico de um país, uma vez que a mesma incentiva os investimentos voltados para a exportação de bens domésticos, aumenta consequentemente a poupança interna e acaba abrindo as portas do mercado externo para empresas nacionais com potenciais qualidades administrativas e tecnológicas (BRESSER-PEREIRA, 2012). Segundo Zini Júnior (1995) de acordo com os modelos analíticos de equilíbrio geral, para que uma taxa de câmbio possa ser considerada adequada, é preciso que a mesma traga resultados positivos quanto à competitividade internacional de preços.

Devido à grande influência econômica da taxa de câmbio nos planos comerciais de um país, diversos estudos vêm sendo realizados, como objetivo de encontrar características que a determinam. Duas teorias bastante conhecidas que caracterizam a taxa de câmbio são, respectivamente, a do modelo monetário e a do modelo de equilíbrio de portfólio. No modelo monetário, as variações da taxa são afetadas tanto pelo constante atendimento da Paridade do Poder de Compra (PPC) da moeda, quanto pela estável demanda por moeda nos países, já no modelo de equilíbrio de portfólio, a taxa de câmbio é determinada pela relação entre a quantidade de ativos financeiros ofertados e a demandados (ROSSI, 1996).

Para Mendonça (2001) a elevação da taxa de juros tem influência direta com entrada de capitais na economia de um país, o que acaba consequentemente desvalorizando a taxa de câmbio, que por sua vez, influencia os níveis de preços e acaba incentivando as importações. A taxa de câmbio além de exercer influência direta sobre os preços dos bens exportados,

ainda influencia o preço dos bens domésticos produzidos, por meio do uso de matérias-primas importadas para a fabricação desses bens.

Kannebley Junior (2002) afirma que os setores de exportação do Brasil, como pode ser visto no tópico a seguir, possuem certo grau de dependência em relação às variações cambiais, podendo os mesmos, sofrerem alterações favoráveis em sua rentabilidade. Tudo depende do grau de influência que essas variações possuem sobre esses setores.

3.6 Exportações Brasileiras

Os setores responsáveis pelas exportações brasileiras, são de suma importância para o desempenho econômico do país, mesmo que venham tendo como frequente desafio, algumas restrições externas em relação ao crescimento. Além disso, o desempenho do setor exportador de um país assume importante efeito sobre toda a seu arranjo produtivo (NAKABASHI; CRUZ; SCATOLIN, 2008).

Segundo Pinheiro, Markwald e Pereira (2002) ao levar em consideração a importância brasileira no total das exportações de todo o mundo, percebe-se que o Brasil possui baixa participação, se comparado com os demais países. Além disso, o país ainda tem como característica, o seu maior grau de importância dado a produção alimentícia. Ainda que o Brasil trabalhe bem a distribuição de suas exportações, suas relações comerciais ocorrem em maior frequência nas Américas (MERCOSUL, Estados Unidos e Aladi) e na União Europeia do que em outros lugares do mundo.

O Brasil está entre os maiores fornecedores mundiais de produtos agroindustriais do mundo, estando em 3º lugar em relação aos maiores exportadores. Além disso, desde o ano de 2002, o país vem progressivamente, consolidando sua favorável posição de base de produção e exportação, possuindo o maior *superávit* agroindustrial do mundo. Esse crescimento tornou ainda mais importante a análise acerca da questão do protecionismo nos países desenvolvidos, uma vez que a expansão das exportações brasileiras depende da abertura desses mercados (NASSAR, 2004).

A demanda por frutas tropicais pelo mercado consumidor externo cresce esporadicamente todos os anos. Dentre os países que mais importam alimentos da fruticultura brasileira está em primeiro lugar os países baixos (Holanda), em segundo lugar o Reino Unido e em terceiro lugar os EUA (ANUÁRIO DE FRUTICULTURA, 2018).

Atualmente, o Brasil se encontra na terceira posição dentre os maiores exportadores de frutas do mundo. Dentre elas, a cultura do meloeiro está em segundo lugar em exportações,

estando abaixo somente das exportações de mangas frescas do país. Um dos fatores que colocam o país nessa posição é o de diversificação em seus produtos. (ANUÁRIO BRASILEIRO DE FRUTICULTURA, 2018).

Em meio as exportações de frutas do Brasil, de acordo com Mendes et al. (2008), o melão aparece com uma grande participação, tendo como seus maiores consumidores o Reino Unido e a Holanda, que por sua vez, trabalha como revendedor, exportando a fruta posteriormente para vários países do mundo. Além desses principais países, Bélgica, Itália, Finlândia e Espanha, possuem também grande participação nas importações de melão do país.

Países da América do Norte e América do Sul, também possuem participação nas exportações do Brasil, tendo como destaque o Canadá. Além disso, países europeus, que não fazem parte da União Europeia, também importam o fruto produzido no país. Já em outros continentes, como a África e o Oriente Médio, possuem participação bastante pequena (MDIC, 2018).

Alves e Bacchi (2004) explicam que é preciso compreender e acompanhar as variáveis que envolvem as exportações, para que o país tome decisões e defina estratégias quanto as movimentações do mercado. Além disso, é preciso fazer uma estimativa da demanda e oferta em relação às exportações de determinado produto, para que se possa identificar o efeito de eventuais políticas de incentivo, e assim, elaborar possibilidades acerca do comportamento do comércio exterior, com o objetivo de ajudar os agentes que colaboram com setor, em suas importantes tomadas de decisões quanto à produção e vendas.

As exportações advindas do agronegócio brasileiro são de grande importância para a balança comercial do país desde 1989, ano que houve a abertura para o comércio exterior. (CONCEIÇÃO; CONCEIÇÃO, 2014). Segundo a Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (FIESP) (2018), em abril de 2018, o agronegócio foi o responsável pelo *superávit* da balança comercial de todo o Brasil, fato que prova a grande importância das exportações advindas desse setor para a economia do país.

4. METODOLOGIA

4.1 Tipo De Pesquisa

A pesquisa é de natureza quantitativa, que segundo Richardson (1989), tem como característica o uso da quantificação desde a coleta de informações, que se dará por meio de

números (ou qualquer informação que possa ser convertida), até às técnicas estatisticamente empregadas para posterior análise dos dados.

4.2 Coleta De Dados

Os dados foram extraídos de fontes secundárias, mais precisamente do MDIC (Ministério do Desenvolvimento, Cultura e Comércio Exterior), a partir da plataforma chamada COMEX STAT e do IPEA (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada). Foram coletados os valores correspondentes ao volume exportado (Kg) e a quantia de divisas oriundas das exportações de melão por ano (US\$) no período de 2000 a 2017, tendo como delimitação de estudo, o estado do Rio Grande do Norte. Além disso, foi coletado o histórico da taxa de câmbio comercial (valor de compra), também no período de 2000 a 2017.

4.3 Método de Análise

A análise dos dados foi feita de maneira descritiva, pois, teve como finalidade descrever as características do fenômeno estudado. Este tipo de análise. A partir do registro dos dados com técnicas padronizadas, os analisa e os interpreta, podendo ainda, estabelecer relações entre diferentes variáveis (Gil, 1999). Segundo Vergará (2000), essa modalidade de pesquisa não tem como objetivo explicar o fenômeno estudado, apesar de poder ser utilizada para uma posterior explicação do mesmo.

Com base nisso, a análise foi também do tipo explicativa, pois, procurará explicar quais os fatores que de alguma maneira acabam contribuindo para que determinado fenômeno aconteça. No caso desta pesquisa, buscou-se explicar o motivo das variações das exportações de melões do estado do Rio Grande do Norte, que ocorreram no período estudado. (Vergara, 2000).

5. ANÁLISE DOS DADOS

A análise de dados desta pesquisa considerou os valores em dólares norte-americanos (US\$) e as quantidades em Quilogramas (Kg), das exportações de melões frescos do estado do Rio Grande do Norte. Para um melhor detalhamento e compreensão a respeito das variações das exportações, a análise foi dividida por países de destino, levando em consideração o período de 2000 a 2017.

Além disso, esse tópico da pesquisa é composto por três partes. A primeira apresenta os blocos para onde são direcionadas as exportações, seus respectivos países e suas respectivas parcelas de participação em relação ao total de exportações que ocorreram no período analisado. Já a segunda, é composta pelas variações por ano de cada destino separadamente. E por último, foi feita uma análise da variação cambial no período delimitado.

Quadro 1 – Blocos Econômicos, seus respectivos países e porcentagem (valores arredondados) em relação ao acumulado, em dólares americanos e quilogramas, de melões exportados pelo RN no período de 2000 a 2017

Destino	Países	Kg	US\$
Países da Europa que fazem parte da União Europeia	Países Baixos (Holanda), Reino Unido, Espanha, Itália, Dinamarca, Irlanda, Suécia, Lituânia, Letônia, Portugal, Polônia, França, Alemanha, Malta, Bélgica.	98,7%	98,7 %
Outros países da Europa e Ásia que não fazem parte da União Europeia	Noruega, Rússia, Turquia, Islândia.	0,1%	0,1 %
Oriente Médio	Emirados Árabes Unidos, Arábia Saudita.	0,1%	0,1 %
África	Gana	0%	0%
América do Norte	Estados Unidos, Canadá	0,7%	0,8 %
América do Sul	Argentina, Uruguai	0,4%	0,3 %

Fonte: COMEX STAT – MDIC (2018)

No Quadro 1, foi observado que os países da Europa que fazem parte da União Europeia, possuem o maior número de importações, sendo responsáveis por aproximadamente 98,7% das exportações dos melões produzidos no Rio Grande do Norte. A América do Norte vem em segundo lugar, porém, com pequena participação em relação ao primeiro colocado. América do Sul, Oriente Médio e outros países da Europa que estão fora da União Europeia, vêm logo em seguida, mesmo com uma baixa participação em relação ao total acumulado. Por último, temos a África, que por sua vez, tem uma parcela bastante irrisória em relação às exportações.

Quanto às variações em quantidade (kg) e valores de divisas em dólares americanos (US\$) resultantes das exportações no período de 2000 a 2017, pode-se observar no quadro a seguir, os valores em relação a União Europeia que se destaca por ser o bloco econômico que mais adquire os melões produzidos no estado.

Tabela 1 – Quantidade (Kg) e valores de divisas (US\$) das exportações de melão do estado do Rio Grande do Norte no período de 2000 a 2017 para países da Europa que fazem parte da União Europeia

Ano	US\$	Kg
2000	\$ 19.859.046,00	48.452.817
2001	\$ 25.628.719,00	63.402.028
2002	\$ 23.836.162,00	60.078.018
2003	\$ 38.582.379,00	97.522.637
2004	\$ 45.158.057,00	99.728.946
2005	\$ 55.408.292,00	108.978.774
2006	\$ 56.914.629,00	113.827.716
2007	\$ 84.571.516,00	137.239.799
2008	\$ 64.541.463,00	91.945.599
2009	\$ 45.520.617,00	70.405.823
2010	\$ 45.594.335,00	71.290.755
2011	\$ 50.290.419,00	71.759.428
2012	\$ 53.784.387,00	78.459.869
2013	\$ 57.716.509,00	79.955.050
2014	\$ 59.045.860,00	83.249.481
2015	\$ 62.858.809,00	98.724.054
2016	\$ 72.880.236,00	116.886.628
2017	\$ 105.473.658,00	159.598.222
Total	\$ 967.665.093,00	1.651.505.644

Fonte: COMEX STAT – MDIC (2018)

Foi observado que os países que compõem a União Europeia, destacam-se pela crescente participação nas exportações de melões frescos do estado do Rio Grande do Norte, exceto nos anos de 2002, 2008 e 2009, onde foram observadas quedas em relação aos seus anos anteriores. A quantidade de melão exportado para esse bloco econômico até 2017 foi de 1.651.505.644 kg, gerando para o estado US\$ 967.665.093,00.

Foi visto ainda, que a exportação mínima do período ocorreu no ano de 2000, com 48.452.817 kg e US\$ 19.859.046,00, já a exportação máxima, ocorreu no ano de 2017, com 159.598.222 quilogramas e US\$ 105.473.658,00. Com uma média de 97.147.390 kg e US\$ 56.921.476,06, até o fim do período delimitado, houve um aumento de aproximadamente 229,4% de quilogramas exportados e 431,1% de dólares resultantes das exportações.

Quanto às exportações para outros países da Europa e Ásia que não fazem parte da União Europeia (Rússia, Islândia, Noruega, Turquia), as variações ocorreram de acordo com a tabela a seguir:

Tabela 2 – Quantidade (Kg) e valores de divisas (US\$) das exportações de melão do estado do Rio Grande do Norte no período de 2000 a 2017 para outros países da Europa e Ásia que não fazem parte da União Europeia

Ano	US\$	Kg
2000	\$ 0,00	0
2001	\$ 0,00	0
2002	\$ 93.120,00	255.628
2003	\$ 111.598,00	307.880
2004	\$ 88.845,00	236.963
2005	\$ 122.206,00	285.816
2006	\$ 15.170,00	35.280
2007	\$ 0,00	0
2008	\$ 0,00	0
2009	\$ 3.961,00	5.880
2010	\$ 102.647,00	133.040
2011	\$ 93.339,00	134.680
2012	\$ 85.184,00	145.130
2013	\$ 116.595,00	167.550
2014	\$ 46.246,00	42.900
2015	\$ 0,00	0
2016	\$ 30.116,00	41.020
2017	\$ 250.423,00	291.140
Total	\$ 1.159.450,00	2.082.907

Fonte: COMEX STAT – MDIC (2018)

Nas exportações para esses países, percebeu-se que as mesmas só começaram a ocorrer no ano de 2002. Posteriormente, no ano de 2006, os números começaram a cair drasticamente, chegando a zero nos anos de 2007 e 2008. Em 2009 foi exportada uma pequena quantidade, que aumentou consideravelmente no ano de 2010. Já em 2014 houve novamente uma queda brusca, registrando-se novamente nenhuma exportação no ano de 2015. Além disso, foi observado que nos anos de 2011 e 2012, embora a quantidade em quilogramas tenha aumentado, os valores de divisas em dólares americanos caíram. Isso pode ser decorrente da variável cambial que oscila ao decorrer do ano.

Até o ano de 2017, o acumulado de exportações para os estes países chegou a 2.082.907 kg o que gerou uma entrada de US\$ 1.159.450,00 no país. O ponto mínimo de exportações foi registrado no ano de 2000, 2001, 2007, 2008 e 2015, onde chegou a zero. Já o ponto máximo, ocorreu no ano de 2017, onde se exportou 291.140 quilogramas e US\$ 250.423,00.

A média de melões exportados ao longo do período foi de 122.523,94 kg e US\$ 68.202,94, com um aumento total, a partir do ano de 2002 (ano que iniciou as exportações para esses países), de aproximadamente 13,9% de quilogramas exportados e 168,9% de dólares provenientes das exportações.

Tabela 3 – Quantidade (Kg) e valores de divisas (US\$) das exportações de melão do estado do Rio Grande do Norte no período de 2000 a 2017 para Oriente Médio

Ano	US\$ exportados	Kg
2000	\$ 0,00	0
2001	\$ 0,00	0
2002	\$ 0,00	0
2003	\$ 0,00	0
2004	\$ 0,00	0
2005	\$ 0,00	0
2006	\$ 0,00	0
2007	\$ 0,00	0
2008	\$ 0,00	0
2009	\$ 0,00	0
2010	\$ 0,00	0
2011	\$ 0,00	0
2012	\$ 0,00	0
2013	\$ 0,00	0
2014	\$ 0,00	0
2015	\$ 0,00	0
2016	\$ 536.343,00	618.850
2017	\$ 694.212,00	796.578
Total	\$ 1.230.555,00	1.415.428

Fonte: COMEX STAT – MDIC (2018)

Quanto às exportações para o Oriente Médio, verificou-se que os países importadores de melões frescos dessa região só iniciaram suas importações no ano de 2016, tendo um aumento no ano de 2017 de aproximadamente 28,7% de quilogramas e 29,4% de dólares oriundos das exportações. O acumulado de exportações nos dois anos foi de 1.415.428 kg, gerando US\$ 1.230.555,00. Além disso, a média de melões exportados no período foi de 83.260,47 kg e US\$ 72.385,59.

Tabela 4 – Quantidade (Kg) e valores de divisas (US\$) das exportações de melão do estado do Rio Grande do Norte no período de 2000 a 2017 para África

Ano	US\$	Kg
2000	\$ 0,00	0
2001	\$ 0,00	0
2002	\$ 32.898,00	24.728
2003	\$ 19.546,00	14.603
2004	\$ 0,00	0
2005	\$ 0,00	0
2006	\$ 0,00	0
2007	\$ 0,00	0
2008	\$ 0,00	0
2009	\$ 0,00	0
2010	\$ 0,00	0
2011	\$ 0,00	0
2012	\$ 0,00	0
2013	\$ 0,00	0
2014	\$ 0,00	0
2015	\$ 0,00	0
2016	\$ 0,00	0
2017	\$ 0,00	0
Total	\$ 52.444,00	39.331

Fonte: COMEX STAT – MDIC (2018)

Dentro do período estudado, notou-se que o único país da África que importava o fruto produzido no do Rio Grande do Norte (Gana), teve seu primeiro registro de importação no ano de 2002 e o último no ano de 2003, onde houve uma queda de aproximadamente -40,9 de quilogramas e -40,6 de dólares advindos das exportações. A pequena participação desse grande continente nas exportações do estado, gerou US\$ 52.444,00 com a venda de 39.331 kg do produto. Em todo o período, a média ficou em torno de 2.313,59 kg e US\$ 3.084,94.

Tabela 5 – Quantidade (Kg) e valores de divisas (US\$) das exportações de melão do estado do Rio Grande do Norte no período de 2000 a 2017 para América do Norte

(continua)

Ano	US\$	Kg
2000	\$ 0,00	0
2001	\$ 0,00	0
2002	\$ 0,00	0
2003	\$ 7.941,00	13.089
2004	\$ 193.674,00	406.918
2005	\$ 365.087,00	705.544
2006	\$ 1.142.452,00	1.743.732
2007	\$ 573.750,00	911.867

(continuação)		
2008	\$ 366.302,00	466.360
2009	\$ 18.046,00	19.460
2010	\$ 0,00	0
2011	\$ 96.056,00	99.225
2012	\$ 42.658,00	38.780
2013	\$ 283.432,00	333.800
2014	\$ 820.597,00	1.041.360
2015	\$ 265.482,00	372.400
2016	\$ 1.715.528,00	2.631.184
2017	\$ 1.729.458,00	2.369.922
Total	\$ 7.620.463,00	11.153.641

Fonte: COMEX STAT – MDIC (2018)

A América do Norte, que está em segundo lugar em relação aos países para onde são exportados o melão produzido no Rio Grande do Norte, iniciou suas importações no ano de 2003. Após isso, até o ano de 2006 os números de exportações com esse destino aumentaram de maneira expressiva. Posteriormente, no ano de 2007, houve uma queda brusca nessas quantidades. A partir disso os números foram caindo progressivamente, sendo registrada nenhuma exportação com esse destino no ano de 2010. Já em 2011 os países norte-americanos voltaram a importar o fruto, aumentando consideravelmente nos anos seguintes.

Além disso, foi notado que em 2017 mesmo com uma pequena queda na quantidade exportada, os valores em dólares americanos recebidos aumentaram, o que pode ter relação com as variações cambiais ao decorrer desse ano. A quantidade exportada em todo esse período estudado para essa região foi de 11.153.641 kg que originaram US\$ 7.620.463.

O ponto mínimo de exportações foi registrado nos anos 2000, 2001, 2002 e 2010, onde não se exportou nada. Já o ponto máximo, foi registrado no ano de 2017, com 2.369.922 kg e US\$ 1.729.458,00. A média do período foi de 656.096 quilogramas exportados, equivalentes à US\$ 448.262,53 em divisas. A partir do ano 2003 (ano que se começou a exportar para países da América do Norte), até o final do período, houve um aumento de aproximadamente 18.006,2% de quilogramas exportados e 21.678,8% de dólares recebidos.

Tabela 6 – Quantidade (Kg) e valores de divisas (US\$) das exportações de melão do estado do Rio Grande do Norte no período de 2000 a 2017 para América do Sul

(continua)		
Ano	US\$	Kg
2000	\$ 682.348,00	1.747.621
2001	\$ 358.615,00	1.077.002

(continuação)		
Ano	US\$	Kg
2002	\$ 223.617,00	723.923
2003	\$ 468.694,00	1.452.448
2004	\$ 29.617,00	130.860
2005	\$ 37.464,00	147.255
2006	\$ 44.889,00	151.115
2007	\$ 50.765,00	134.566
2008	\$ 85.393,00	126.459
2009	\$ 83.563,00	120.330
2010	\$ 11.369,00	37.895
2011	\$ 10.765,00	9.100
2012	\$ 61.989,00	56.170
2013	\$ 113.626,00	95.940
2014	\$ 141.659,00	124.379
2015	\$ 80.495,00	98.368
2016	\$ 125.495,00	151.502
2017	\$ 0,00	0
Total	\$ 2.610.363,00	6.384.933

Fonte: COMEX STAT – MDIC (2018)

Percebeu-se, que a América do Sul, está em terceiro lugar em relação ao número de exportações de melões produzidos no estado do Rio Grande do Norte. O primeiro registro de importação ocorreu no ano de 2000, com uma quantidade significativa. Logo depois, no ano de 2001 foi registrada queda nos números, voltando a aumentar somente no ano de 2003. A partir disso, no ano de 2004, a quantidade de melão exportado caiu drasticamente, vindo a ter pequenos aumentos nos anos seguintes. Em 2010, novamente os números caíram de maneira drástica, vindo a registrar aumentos somente a partir do ano de 2012.

Ainda foi observado, que no ano de 2007, mesmo com uma pequena queda na quantidade exportada, o valor em divisas teve um aumento. Isso pode ter ocorrido devido às taxas de troca de moeda. Entre o início do ano 2000 até o final de 2017, foi registrado 6.384.933 kg de melões exportados para este destino, o que equivale a US\$ 2.610.363,00 em divisas. O ponto mínimo de melões exportados no período, foi registrado no ano de 2017, onde chegou a zero. Já o ponto máximo, foi registado no ano de 2000, onde se exportou 1.747.621 quilogramas, gerando 682.348,00 em dólares. A média do período analisado foi de 375.584 kg e US\$ 153.550,76. Do início do período até o ano de 2016 (ano que foi registrado as últimas exportações) houve uma queda de -9133,1% de quilogramas e -8160,8% de dólares gerados a partir das exportações.

Gráfico 1 – Variação do total das exportações de melão do estado do Rio Grande do Norte no período de 2000 a 2017, em quilogramas e dólares americanos.

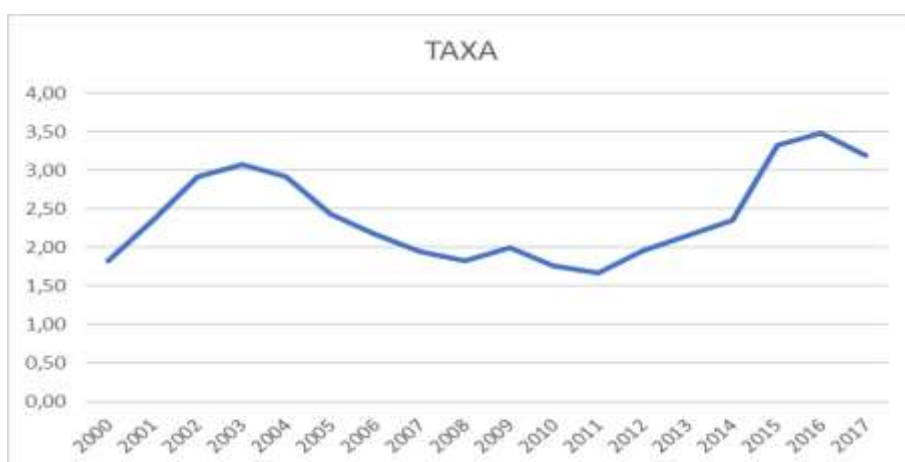


Fonte: COMEX STAT – MDIC (2018)

Quanto às variações do total exportado, foi percebido no gráfico 2 que houve um grande crescimento entre 2000 e 2007, em relação ao acumulado de exportações por ano no período delimitado. Já a partir de 2008 ocorreu uma queda nos números, vindo a se estabilizarem somente no ano de 2010. Posteriormente as exportações mantiveram-se, havendo pequenos aumentos ao decorrer dos anos, com destaque para os anos de 2016 e 2017, onde foi registrado um crescimento considerável.

Quando tratamos de exportações, como observado na revisão da literatura, várias variáveis acabam exercendo influência. Como visto nas tabelas anteriores, em alguns anos a quantidade em quilogramas do fruto exportado foi indiretamente proporcional aos valores relativos em dólares americanos recebidos. Isso pode ser consequência da variação da taxa de câmbio de cada ano.

Gráfico 2 – Variação da taxa de câmbio (comercial – compra) no período de 2000 a 2017.



Fonte: IPEADATA - IPEA (2018)

Ao analisar o Gráfico 2 com as variações da taxa de câmbio no período de 2000 a 2017, foi observado que a mesma segue a tendência do gráfico 4. Isso indica que no geral, as exportações são diretamente proporcionais a taxa de câmbio, ou seja, quando há um aumento da taxa de câmbio há um aumento das exportações. Porém, em alguns anos, foi observado que os dois gráficos, se comportam de maneira inversamente proporcional, o que indica uma certa independência das exportações em relação às variações cambiais, justificando o que foi dito por Carvalho e Silva (2008), acerca da autonomia do setor agrícola.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Acompanhar as exportações de bens domésticos, junto com seus principais destinos ao longo do tempo é de suma importância para um país, seus estados e municípios. A partir desse monitoramento, é possível tomar decisões, buscar soluções e até prever possíveis cenários.

No caso do Rio Grande do Norte segundo a FIERN (2017), o melão vem impulsionando o crescimento do saldo da balança comercial do estado nos últimos anos, e lidera a pauta de exportação potiguar. O fruto é exportado para vários países do mundo, tendo cada um, sua parcela de participação nas exportações do estado.

Como foi visto na pesquisa, a maior parte dos melões exportados se concentra nos países da Europa que fazem parte da União Europeia, onde dentro do período estudado, foram responsáveis por 98,7% das importações do fruto produzido no Rio Grande do Norte, que equivalem a 1.651.505.644 kg ou 980.338.368 em dólares.

Logo em seguida, em segundo lugar, encontram-se os países da América do Norte, com 1.672.581.884 kg ou 7.620.463,00 em dólares do produto exportado. A América do Sul, subcontinente onde está inserido o Brasil, aparece em terceiro lugar, com 6.384.933 kg ou US\$ 980.338.368,00.

O Oriente Médio, com sua participação que se deu início em 2016, é responsável por 1.415.428 kg ou US\$ 1.230.555,00 em dólares exportados. Países da Europa e Ásia que não fazem parte da União Europeia são responsáveis por 2.082.907 kg ou US\$ 1.159.450,00. Por último temos a África, que no período estudado não importa melão do Rio Grande do Norte desde 2003, com 39.331 kg ou US\$ 52.444,00.

Os dados apontaram que o número de exportações totais no período estudado cresceu consideravelmente ao decorrer dos anos, tendo como picos o ano de 2007, com aproximadamente 138.286.232 quilogramas de melões exportados equivalentes à US\$ 85.196.031 naquele ano, e em 2017, com 163.055.862 kg que renderam 108.147.751 em

dólares. Já a maior queda registrada no período ocorreu nos anos de 2008 e 2009, quando as exportações chegaram à 70.551.493 kg que equivaleram à 45.626.187 em dólares.

Se comparados, os índices vistos no gráfico 4 e os vistos no gráfico 5, verificamos que ambos possuem a mesma tendência. Além disso é sugerido que a quantidade de melão exportado, sofre no geral, influência da variação cambial, porém, em alguns anos é possível identificar que as variáveis tendem a se comportar de maneira inversamente proporcional, o que indica que outros possíveis fatores podem gerar uma certa independência das exportações.

Indubitavelmente, as exportações de melões produzidos no Rio Grande do Norte são de suma importância para a economia do estado e do país. Por conta disso, acompanhar a produção e comercialização desse bem se torna imprescindível. Sugere-se para futuras pesquisas, a investigação de períodos maiores e anteriores ao desse trabalho, comparações com as exportações de outros estados e análise do impacto das variáveis econômicas e outros fatores que influenciam as exportações do fruto, utilizando métodos estatísticos com correlação ou regressão.

REFERÊNCIAS

- ABEL, Andrew B.; BERNANKE, Ben S.; CROUSHORE, Dean. **Macroeconomia**. 6. ed. São Paulo: Editora Pearson, 2008. p. 336-338.
- ALVES, Lucilio Rogerio Aparecido; BACCHI, Mirian Rumenos Piedade. Oferta de exportação de açúcar do Brasil. **Revista de Economia e Sociologia Rural**, Brasília, v. 42, n. 1, p.9-33, mar. 2004.
- ARAUJO, V. F. S; CAMPOS, D. F. A cadeia logística do melão produzido no agropolo fruticultor Mossoró/Açu. **Revista Econômica do Nordeste**. Fortaleza, v. 40, n. 3, p. 505-529, 2011.
- BRAGA, Helson C.; ROSSI, José W. A dinâmica da balança comercial no Brasil, 1970-84. **Revista Brasileira Econômica**, Rio de Janeiro, v. 41, n. 2, p.237-248, jun. 1987.
- BRESSER-PEREIRA, Luiz Carlos. A taxa de câmbio no centro da teoria do desenvolvimento. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 6, n. 75, p.7-28, maio 2012.
- CARVALHO, M. A. de; SILVA, C. R. L. da. Mudanças na pauta das exportações agrícolas brasileiras. **RER**, Rio de Janeiro, vol. 46, n. 01, p. 053-073, Jan/Mar. 2008.
- COUTINHO, E. S.; LANA-PEIXOTO, F.V.; FILHO, P.Z.R.; AMARAL, H.F. Adam Smith: um ensaio sobre as teorias de comércio exterior. **Revista de Gestão USP**, São Paulo, v. 12, n. 4, p. 101-113, 2005.
- CONCEIÇÃO, J.C.P.R.; CONCEIÇÃO, P.H.Z. **Agricultura: evolução e importância para a balança comercial brasileira**. Brasília: Ipea, 2014. (Texto para Discussão, n. 1994).
- CRISÓSTOMO, Lindbergue; SANTOS, Antônio; RAIJ, Bernardo; FARIA, Clementino; SILVA, Davi; FERNANDES, Flávio; SANTOS, Francisco; CRISÓSTOMO, João; FREITAS, José; HOLANDA, José; CARDOSO, José; COSTA, Nivaldo. **Adubação, Irrigação, Híbridos e Práticas culturais para o Meloeiro no Nordeste**. EMBRAPA. Fortaleza: Circular Técnica, 2002.
- DIEESE - DEPARTAMENTO INTERSINDICAL DE ESTATÍSTICA E ESTUDOS SOCIOECONÔMICOS. **O câmbio e suas influências na economia**. Nota técnica número 24. São Paulo, 2006.
- EDITORA GAZETA. **Anuário brasileiro de fruticultura 2018**. Santa Cruz do Sul, 2018, Anual.
- EMBRAPA – EMPRESA BRASILEIRA DE PESQUISA AGROPECUÁRIA. **Manual de Segurança e Qualidade para a Cultura do Melão**. Brasília: EMBRAPA, 2004. (Qualidade e Segurança dos Alimentos)
- FARIA, Clementino Marcos Batista; COSTA, Nivaldo; PINTO, José; BRITO, Luiza; SOARES, José. Níveis de nitrogênio por fertirrigação e densidade de plantio na cultura do melão em um vertissolo. **Pesq. Agropec. Bras.**, Brasília, v. 35, n. 3, p.491-495, mar. 2000.
- FIESP, **Balança comercial brasileira do agronegócio**. São Paulo: Federação Das Indústrias Do Estado De São Paulo, agosto 2018. <[Http://www.fiesp.com.br/indices-pesquisas-e-publicacoes/balanca-comercial/](http://www.fiesp.com.br/indices-pesquisas-e-publicacoes/balanca-comercial/)>. Acesso em: 22 mai. 2018.

FIERN, **Dados Estatísticos do Comércio Exterior**. Rio Grande do Norte: Federação Das Indústrias Do Estado Do Rio Grande Do Norte, Anual. Disponível em: <<https://www.fiern.org.br/dados-estatisticos-comercio-exterior/>> Acesso em: 02/07/2018.

GIAMBIAGI, Fabio; MOREIRA, Mauricio Mesquita. Taxas de Juros e de Câmbio Real após a Desvalorização: Um cenário tentativo para 1999/2002. **Revista do BNDES**, Rio de Janeiro, v. 6, n. 11, p.3-20, jun. 1999.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5.ed. São Paulo: Atlas, 1999.

IPEA, Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. Anual. Disponível em: <<http://www.ipeadata.gov.br/Default.aspx>>. Acesso em: 26 julho. 2018.

JUNIOR, F. N. R. **Política de Promoção da Exportação: Um olhar sobre a evolução da cultura de melão do Rio Grande do Norte**. Dissertação (Pós-Graduação em administração) – UFRN. Natal, 2007, p. 1. 92.

KANNEBLEY JUNIOR, Sérgio. Desempenho Exportador Brasileiro Recente e Taxa de Câmbio Real: uma Análise Setorial. **Rbe**, Rio de Janeiro, v. 56, n. 3, p.429-456, jul. 2002.

KRUGMAN, Paulo R.; OBSTFELD, Maurice. **Economia internacional: teoria e política**. 6.ed. São Paulo: Pearson, 2005. p.229.

MDIC, **Dados do Comércio Exterior**. Rio de Janeiro: Ministério do Desenvolvimento, da Indústria e Comércio Exterior, Anual. Disponível em: <<http://www.mdic.gov.br/comercio-exterior/estatisticas-de-comercio-exterior/comex-vis/frame-brasil>>. Acesso em: 22 mai. 2018.

MENDES, Alexandra; FARIA, Clementino; TERÃO, Daniel; SILVA, Davi; BATISTA, Diógenes; MOREIRA, Flávia; RESENDE, Geraldo; ALENCAR, José; OLIVEIRA, José; ARAUJO, José; PINTO, José; GRANJEIRO, Leilson; LIMA, Maria; SILVA, Maria; LIMA, Mirtes; COSTA, Nivaldo; DIAS, Rita; TAVARES, Selma; CUNHA, Tony. **A cultura do Melão**. EMBRAPA. 2. ed. Brasília: Coleção Plantar, 2008.

MENDONÇA, Helder Ferreira de. Mecanismos de transmissão monetária e a determinação da taxa de juros: uma aplicação da regra de Taylor ao caso brasileiro. **Economia e Sociedade**, Campinas, v. 1, n. 16, p.65-81, jun. 2001.

MELO, Nataniel Franklin de. **Sistema de Produção de Melão**. 2010. Disponível em: <https://www.spo.cnptia.embrapa.br/conteudo?p_p_id=conteudoportlet_WAR_sistemasdeproducaolf6_1ga1ceportlet&p_p_lifecycle=0&p_p_state=normal&p_p_mode=view&p_p_col_id=column-1&p_p_col_count=1&p_r_p_-76293187_sistemaProducaoId=4103&p_r_p_-996514994_topicoId=4241>. Acesso em: 12 dez. 2017.

MENEZES, J.B.; FILGUEIRAS, H.A.C.; ALVES, R.E.; MAIA, C.E.; ANDRADE, G.G. de; ALMEIDA, J.H.S. de; VIANA, F.M.P. Características do melão para exportação. In: ALVES, R. E. (Org.). **Melão: pós-colheita**. Brasília, DF: Embrapa Comunicação para Transferência de Tecnologia; Fortaleza: Embrapa Agroindústria Tropical, 2000. (Frutas do Brasil, 10).

MEYER, Tiago Rinaldi; PAULA, Luiz Fernando de. Taxa de Câmbio, Exportações e Balança Comercial no Brasil: Uma Análise do Período 1999-2006. **Análise Econômica**, Porto Alegre, v. 51, n. 27, p.187-219, mar. 2009.

MOCHÓN, Francisco Morcillo. **Princípios de economia**. São Paulo: Pearson, 2007. p. 212-219.

MONTEIRO, Rodrigo Otavio Câmara. **Influência do gotejamento subterrâneo e do "mulching" plástico na cultura do melão em ambiente protegido**. 2007. 179 f. Tese (Doutorado) - Curso de Agronomia, Universidade de São Paulo, Piracicaba, 2007.

MORAES, B.M.M; FILHO, R.B.; CORONEL, D.A. A influência da taxa de câmbio nas exportações brasileiras de carne bovina in natura. **Revista Perspectivas Contemporâneas**, Santa Maria - RS, v. 11, n. 3, p. 1-18, set./dez. 2016.

MUNDURUCA, D.F.V; DE SANTANA, J. R. Comércio Exterior como Estratégia de Crescimento Econômico: Uma Proposta de Priorização de Produtos Exportáveis para a Economia Sergipana. **Revista Econômica do Nordeste**. v. 43, n. 3, p.611-630, jul.-set. 2012.

NAKABASHI, Luciano; CRUZ, Marcio José Vargas da; SCATOLIN, Fábio Dória. **Efeitos do câmbio e juros sobre as exportações da indústria brasileira**. **Revista Econômica Contemporânea**, Rio de Janeiro, v. 12, n. 3, p.433-461, dez. 2008.

NASSAR, André Meloni. **Produtos da agroindústria de exportação brasileira: uma análise das barreiras tarifárias impostas por estados unidos e união europeia**. 2004. 218 f. Tese (Doutorado) - Curso de Administração, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004.

OLIVEIRA, Andréa. **Como cultivar melão - preparo do solo, plantio, desbaste, irrigação, colheita e classificação**. Disponível em: <<https://www.cpt.com.br/cursos-fruticultura-agricultura/artigos/como-cultivar-melao-preparo-do-solo-plantio-desbaste-irrigacao-colheita-e-classificacao>>. Acesso em: 13 dez. 2017.

OLIVEIRA, Denilson; ALMEIDA, Carlos; PONTES, Frederico; DANTAS, Fabiano; PONTES, Felipe. A cultura do melão no estado do Rio Grande do Norte pós plano real: 1995-2009. **Revista verde de agroecologia e desenvolvimento sustentável**, Mossoró, v. 6, n. 3, p. 192-196, jul./set. 2011.

FIGUEIRÊDO, M. C. B. de; GONDIM, R. S.; ARAGÃO, F. A. S. de (Ed.). **Produção de melão e mudanças climáticas: sistemas conservacionistas de cultivo para redução das pegadas de carbono e hídrica**. Brasília, DF: Embrapa, 2017. p. 17-32. Parte 1, Cap. 1,

PASTORE, Affonso Celso; PINOTTI, Maria Cristina. Globalização, Fluxo de Capitais e Regimes Cambiais: Reflexões sobre o Brasil. **Estudos Econômicos**, São Paulo, v. 30, n. 1, p.5-26, jan. 2000.

PINHEIRO, Armando Castelar; MARKWALD, Ricardo; PEREIRA, Lia Valls. **O desafio das exportações**. Rio de Janeiro: Bnds, 2002. p. 32-34.

PIRES, Manoel Carlos de Castro. Regimes cambiais: um modelo alternativo para o Brasil. **Revista de Economia Política**, Rio de Janeiro, v. 25, n. 2, p.101-14, jun. 2005.

PROGRAMA BRASILEIRO PARA A MODERNIZAÇÃO DA HORTICULTURA. **Normas de classificação de melão**. São Paulo: CEAGESP, Centro de Qualidade em Horticultura, 2004. 6p. Disponível em: < <http://www.ceagesp.gov.br/produtos/produtos/melao> > Acesso em 25 jun. 2018.

RICARDO, David. **Princípios de economia, política e tributação**. São Paulo: Nova Cultural, 1996 (Coleção Os Economistas). p. 93-107.

ROSSI, José W. O modelo monetário de determinação da taxa de câmbio: testes para o Brasil. **Pesquisa Plano Econômico**, Rio de Janeiro, v. 26, n. 2, p.155-182, ago. 1996.

SALVATO, Márcio Antônio; SANT'ANNA, Pedro Henrique; SILVA, Leonardo Augusto Gomes da. Evolução da balança comercial brasileira no período de câmbio flutuante. **Economia & Tecnologia**, Paraná, v. 13, n. 4, p.5-18, jun. 2008.

SANTOS, Gil; JÚNIOR, Aloisio; GUIMARÃES, Luiz; SOUZA, Dalmarcia; NACIMENTO, Ildon. Ação Arrasadora. **Cultivar: Hortaliças e Frutas**, Pelotas, v. 79, n., p.32-33, maio 2013.

SCHWANTES, Fernanda; FREITAS, Clailton Ataídes de; ZANCHI, Vinicius Vizzotto. Determinantes da Balança Comercial do Agronegócio Brasileiro do Período de 1990 a 2007. **Documentos Técnico-científicos**, Viçosa, v. 41, n. 2, p.250-265, jun. 2010.

SECRETARIA DE COMÉRCIO EXTERIOR. MINISTÉRIO DO DESENVOLVIMENTO, INDÚSTRIA E COMÉRCIO EXTERIOR – (SECEX/MDIC). **Base de dados**. Disponível em: <<http://www.mdic.gov.br/comercio-externo/estatisticas-de-comercio-externo/comex-vis/frame-ppe?ppe=1235>>. Acesso em: 18 de maio. 2018.

SMITH, A. **A Riqueza das Nações: Investigação sobre sua Natureza e suas Causas**. São Paulo: Nova Cultural, 1996. v. 4: A natureza, o acúmulo e o emprego do capital. (Coleção Os Economistas).

SOUZA, Jobson Monteiro de. **Economia brasileira**. São Paulo: Editora Pearson, 2009. p. 117-119.

SONAGLIO, Cláudia Maria; SCALCO, Paulo Roberto; CAMPOS, Antônio Carvalho. Taxa de Câmbio e a Balança Comercial Brasileira de Manufaturados: Evidências da J-Curve. **Revista Economia**, Brasília, v. 11, n. 3, p.711-734, dez. 2010.

VERGARA, Sylvia C. **Projetos e relatórios de pesquisa em administração**. 3.ed. Rio de Janeiro: Atlas, 2000.

VERÍSSIMO, M.P.; SOUZA, T.A. O papel das *commodities* para o desempenho para o desempenho exportador brasileiro. **Indic. Econ. FEE**, Porto Alegre, v. 40, n. 2, p. 79-94, 2013.

ZINI JÚNIOR, Álvaro Antônio. Taxa de câmbio e política cambial no Brasil. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1995.